

ANÍSIO TEIXEIRA E A PSICOLOGIA: O DIÁLOGO COM A PSICANÁLISE

Karen Fernanda da Silva Bortoloti

Centro Universitário Uniseb, Brasil.

Marcus Vinicius da Cunha

Universidade de São Paulo, Brasil.



Resumo

Este trabalho analisa as ideias e a atuação de Anísio Teixeira nos primeiros anos da década de 1930, focalizando as suas concepções acerca do valor da Psicanálise para a renovação educacional no Brasil. Considerando que as ideias e as práticas de Teixeira devem ser compreendidas no contexto histórico em que se desenvolveram, o trabalho apresenta um histórico da inserção dos conhecimentos psicanalíticos no movimento educacional renovador brasileiro, destacando a relevância do higienismo na difusão das teses de Freud na educação. As conclusões indicam que Teixeira interagiu com os conceitos da Psicanálise por intermédio do movimento higienista e das ideias de Arthur Ramos, considerando o indivíduo como um ser vinculado ao ambiente social.

Palavras-chave: história da educação brasileira, escola nova, Anísio Teixeira, psicologia, psicanálise.

ANÍSIO TEIXEIRA AND PSYCHOLOGY: DIALOGUE WITH PSYCHOANALYSIS

Abstract

This paper analyses the ideas and the work of Anísio Teixeira in the first years of the 1930s, focusing his conceptions concerning the value of Psychoanalysis for Educational Reform in Brazil. Whereas the ideas and practices Teixeira should be understood in the historical context in which they were developed, the work presents the history of the introduction of the psychoanalytic knowledge in the Brazilian Renovator Educational Movement, highlighting the relevance of hygienism in the dissemination of Freud's theses in education. The findings indicate that Teixeira

interacted with the concepts of Psychoanalysis through the hygienist movement and the ideas of Arthur Ramos, considering the individual as being linked to the social environment.

Key-words: history of brazilian education, new school, Anísio Teixeira, psychology, psychoanalysis.

ANÍSIO TEIXEIRA Y PSICOLOGÍA: DIÁLOGO CON EL PSICOANÁLISIS

Resumem

Este trabajo analiza las ideas y el trabajo de Anísio Teixeira en los primeros años de la década de 1930, centrándose en sus concepciones sobre el valor del psicoanálisis para la reforma educativa en Brasil. Considerando que las ideas y prácticas Teixeira debe entenderse en el contexto histórico en que se desarrolló, la obra presenta una historia de la introducción del conocimiento psicoanalítico en movimiento educativo renovado brasileño, destacando la importancia de la difusión del higienismo y tesis de Freud en la educación. Los resultados indican que Teixeira interactuó con los conceptos del psicoanálisis a través del movimiento higienista y de las ideas de Arthur Ramos, considerando al individuo como vinculados con el entorno social.

Palabras-clave: historia de la educación de Brasil, escuela nueva, Anísio Teixeira, psicología, psicoanálisis.

ANISIO TEIXEIRA ET PSYCHOLOGIE: DIALOGUE AVEC LA PSYCHANALYSE

Résumé

Cet article analyse les idées et le travail d'Anísio Teixeira dans les premiers ans de la décennie de 1930, se focalisant sur ses conceptions concernant la valeur de la Psychanalyse pour le renouvellement éducationnel au Brésil. Une fois que les idées et les pratiques de Teixeira doivent être comprises dans le contexte historique où elles se sont développées, l'article présente un panorama historique de l'insertion des connaissances psychanalytiques dans le mouvement éducationnel rénovateur brésilien, soulignant l'importance de l'hygiénisme pour la diffusion des thèses de Freud dans le domaine de l'éducation. Les conclusions indiquent que Teixeira a interagi avec les concepts de la Psychanalyse via le mouvement hygiéniste et les idées d'Arthur Ramos, considérant l'individu comme un être attaché à l'environnement social.

Mots-clé: histoire de l'éducation brésilienne, école nouvelle, Anísio Teixeira, psychologie, psychanalyse.

Introdução

Um dos fenômenos culturais mais marcantes na passagem do século 19 para o 20 foi o declínio da comunidade ampliada como sustentáculo da existência individual. Com o fortalecimento dos modos burgueses de vida, impôs-se a tendência à organização de uma ordem social pautada no indivíduo, acentuando no homem a necessidade de uma compreensão diferenciada de sua constituição como pessoa.

Os atributos do indivíduo como ser autônomo e independente passaram a ser definidos com base na recém-descoberta realidade íntima e subjetiva, aprimorada no âmbito do círculo familiar, na escola e nos demais espaços de convívio social. Ante as dificuldades impostas pela vivência coletiva, predominou a tendência de as pessoas verem a si mesmas “como incapazes de solucionar autonomamente, ou com a ajuda de seus semelhantes, os conflitos surgidos no interior de sua intimidade psicológica” (Cunha, 1988, p. 31).

Os saberes científicos, especialmente os da Psicologia, foram gradativamente requisitados para conduzir e solucionar os conflitos individuais (Figueiredo, 1996). O médico vienense Sigmund Freud situou os processos do psiquismo, como as fantasias, os sonhos e os esquecimentos, em regiões obscuras, dispondo-se a tratá-los cientificamente como fenômenos situados no âmago da *psique*, embora não desprezasse a problemática antropológica e cultural (Freud, 1930; 1974).

Freud elaborou a sua teoria e a sua proposta de intervenção clínica com base na observação de pessoas acometidas por problemas nervosos. Sua proposta era fundamentada na tese de que a etiologia das doenças encontrava-se no inconsciente, fazendo-se necessário acessar essa região obscura para auxiliar o paciente a desenvolver mecanismos de superação de suas dificuldades (Mezan, 1982).

Durante o primeiro quarto do século 20, a teoria freudiana disseminou-se por diversos países. Na Suíça, o médico Eugen Bleuler passou a usar o método psicanalítico no tratamento das psicoses, no intuito de oferecer solução para o enigma da loucura, considerando que a Psicanálise, por desvendar os recônditos do universo mental, constituía alternativa adequada para a cura de distúrbios de conduta (Alexander; Selesnick, 1980). As concepções de Freud atingiram também a América e, sem restringir-se às elites intelectuais, obtiveram popularidade por intermédio de obras de divulgação científica, revistas femininas, programas de rádio e jornais de ampla circulação (Russo, 2002).

Em 1907 foi fundada, em Viena, a primeira organização formal de adeptos da Psicanálise, denominada *Sociedade*. Em 1909, Freud e Jung foram aos Estados Unidos difundir sua teoria junto ao povo e aos intelectuais (Gay, 1989). Em 1910 foi criado um organismo internacional para reunir todas as organizações psicanalíticas e garantir a adoção de procedimentos éticos entre os associados. No início da Primeira Guerra Mundial a Psicanálise já se expandia pela Índia e pela América do Sul e, a partir dos anos 1920, os temas freudianos tornaram-se mais e mais frequentes entre os praticantes das ciências médicas, especialmente os psiquiatras, o que angariou legitimidade científica à nova teoria, bem como à sua prática clínica.

Foi nesse contexto e nessa época que a Psicanálise chegou ao Brasil e obteve a adesão de certo grupo de educadores interessados em renovar as concepções e práticas

escolares. Um dos mais destacados líderes do movimento de renovação educacional denominado Escola Nova foi Anísio Teixeira, cuja atuação na área do ensino teve início na Bahia em meados da década de 1920. No início dos anos 1930 Teixeira assumiu a direção da instrução pública do Distrito Federal, ocasião em que teve a oportunidade de colocar em prática os princípios fundamentais do escolanovismo, dentre os quais se destacava a inserção da Psicologia no conjunto das ciências norteadoras da educação (Cunha, 1994; 1995).

No presente trabalho, procuraremos elucidar as ideias de Anísio Teixeira acerca da Psicologia focalizando, especificamente, as suas relações com a Psicanálise no contexto da renovação educacional brasileira nos primeiros anos da década de 1930. Para examinar esse tema ainda pouco explorado pela historiografia educacional, consideraremos que o pensamento e as práticas de Teixeira devem ser vistos no âmbito das problemáticas e dos anseios de sua época. Por esse motivo apresentaremos, primeiramente, um histórico da inserção dos saberes psicológicos na educação, com destaque para a adesão do escolanovismo à Psicanálise.

A Psicanálise no Brasil

As ideias psicanalíticas foram introduzidas no Brasil na mesma época em que Freud começava a obter projeção internacional, sendo alvo, também, de severas críticas. Suas teses adentraram no país em momento de grande agitação intelectual, quando se buscava um projeto de nação moderna capaz de superar as contradições históricas e alcançar relevância no cenário mundial. As primeiras menções à obra de Freud foram feitas em 1899 pelo médico Juliano Moreira, responsável pela cátedra de Psiquiatria na Faculdade de Medicina da Bahia (Perestrelo, 1988), inaugurando o longo período de difusão da nova ciência em diversos setores da atividade científica e cultural no Brasil.

Contribuíram para isso diversos profissionais da psiquiatria, da pediatria e da educação, como Júlio Pires Porto-Carrero, Juliano Moreira, Franco da Rocha, Deodato de Moraes, Gastão Pereira da Silva, Hosannah de Oliveira, Antônio da Silva Mello, Ayrton Roxo, Maurício de Medeiros e Arthur Ramos (Mokrejs, 1993). Seu objetivo comum era o de utilizar a teoria freudiana não apenas como método para o tratamento de pacientes neuróticos, mas como teoria útil a diferentes esferas do universo cultural e científico (Abrão, 2008). Assim, a Psicanálise integrou-se ao conjunto de ideias inovadoras que alicerçaram muitos projetos de modernização do Brasil nas primeiras décadas do século 20, como, por exemplo, o dos Modernistas dos anos 1920 (Oliveira, 2006).

Os primeiros textos de divulgação das teses psicanalíticas abrangiam a sua aplicação a vários campos, como a Educação, a Antropologia e a Literatura (Abrão, 2001). Seu conteúdo exibia a clara intenção de introduzir a Psicanálise não apenas no meio científico, mas também no ambiente social mais amplo (Mokrejs, 1993).

O espaço obtido em instituições alheias à área médica contribuiu para a aceitação e expansão da doutrina freudiana. Clínicas de orientação infantil, por exemplo, foram criadas sob a inspiração da Psicanálise com o objetivo de auxiliar pais e professores na formação dos futuros cidadãos. Uma das mais importantes foi instituída durante a gestão de Anísio Teixeira na instrução pública do Distrito Federal, para atender o crescente número de crianças que adentravam à escola. Mais tarde, em 1938, Durval Marcondes

fundou e dirigiu instituição semelhante junto ao Serviço de Higiene Mental da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo.

A prática da nova ciência era regulada por sociedades filiadas à Associação Psicanalítica Internacional, o que se destinava a garantir o atendimento a padrões éticos na relação entre terapeutas e pacientes. Os analistas tornavam-se habilitados após se submeterem à análise psicanalítica, sempre realizada por profissionais credenciados, exigência que se tornou um entrave na América Latina (Russo, 2002).

No Brasil, a organização das sociedades foi precedida por um processo pluralista de manifestação de ideias por meio de estudos isolados, publicações diversas e grupos de estudos, até que se constituíssem organizações internacionalmente reconhecidas. As de maior destaque foram as de São Paulo e Rio de Janeiro, mas o movimento também aconteceu em outros lugares, como Pernambuco, Minas Gerais e Rio Grande do Norte (Mokrejs, 1993).

Uma peculiaridade da introdução da Psicanálise no Brasil foi a sua aproximação com o movimento difusor da noção de higiene mental, cujo desígnio era superar as formas tradicionais e violentas de tratamento psiquiátrico. Os serviços de higiene mental derivaram de instituições europeias, especialmente francesas, remontando às experiências de Pinel e dos sanatórios da segunda metade do século 19. Anteriormente, tais instituições serviam como depósitos de pessoas, homens e mulheres considerados mentalmente perturbados que deviam ser afastados do convívio social (Mokrejs, 1993).

Criado nos Estados Unidos em 1907, o serviço de higiene mental surgiu no Brasil com a Liga Brasileira de Higiene Mental - LBHM -, fundada pelo médico Gustavo Riedel em 1923. Muitos dos pioneiros da Psicanálise foram membros da LBHM e compartilharam da crença em soluções racionais e científicas para os males nacionais. A nova ciência era vista como alternativa moderna, de garantida cientificidade para enfrentar os preceitos da moral tradicional, tidos como arcaicos e ultrapassados (Russo, 2002).

Na LBHM os temas de discussão inicialmente propostos eram pertinentes a saúde física e mental, serviço social, legislação, trabalho e educação. Em virtude de seu caráter terapêutico e preventivo, em menos de um ano a Liga foi reconhecida como de utilidade pública e passou a receber subsídios do governo federal (Wanderbroock Jr.; Boarini, 2008). Com o passar do tempo, a instituição foi investida de ampla autoridade pelos poderes públicos, o que lhe permitiu intervir diretamente na reorganização da vida urbana, assumindo as suas teses a feição de autêntica política médica destinada ao controle sanitário das populações. A LBHM, então, passou a investir em programas de higiene mental a serem implantados nos domínios privado, escolar, profissional e social.

Com as mudanças ocasionadas pela República e pela abolição do escravismo, o espaço urbano brasileiro, especialmente no Rio de Janeiro e em São Paulo, tornou-se preocupação central para as autoridades. A capital paulista, por exemplo, teve crescimento populacional de, aproximadamente, 269% entre 1890 e 1900 (Rocha, 2003). Em princípios do século 20, a vida das populações urbanas menos abastadas era permeada por males como doenças e ociosidade. Os discursos da elite exigiam a ampliação dos equipamentos urbanos para atender as crescentes necessidades da vida coletiva, enquanto o poder público procurava responder às demandas que surgiam à medida que a cidade se constituía como objeto de atenção de médicos e engenheiros.

Entre o mundo habitado por cafeicultores, industriais, novos empresários, políticos, comerciantes e intelectuais, de um lado, e o mundo dos trabalhadores, ex-escravos e desvalidos de todos os tipos, de outro, emergiu gradativamente uma rígida demarcação. Sugiram novos bairros, elegantes, com avenidas largas, arborizadas, limpas e iluminadas, em meio à proliferação de outros, repletos de moradias que representavam a degradação física e moral de seus habitantes - operários, vendedores ambulantes, comerciantes, gente de todo tipo. Multiplicando-se graças ao custo dos aluguéis, os cortiços exibiam o oposto dos lares bem constituídos, o reduto da falta de higiene e moral, focos de doenças ocasionadas pela promiscuidade e pela falta de asseio corporal (Cunha, 1986). Progressivas levas de moradores pobres compuseram uma paisagem que muito se afastava da imagem idealizada de progresso que as cidades desejavam ostentar (Decca, 1987).

A dilatação dos centros urbanos tornou-se um fenômeno a ser enfrentado com rigor, pois o crescimento populacional era acompanhado da falta de infraestrutura que fazia surgir e proliferar uma série de doenças, enfermidades e epidemias. Diante desse quadro de urbanização fortemente marcado pelo surgimento e avanço da massa de desvalidos, os médicos higienistas e sanitaristas apresentaram propostas de intervenção para um reordenamento radical (Brescianni, 2010).

A forma de vida e de habitação dessa massa exigia medidas drásticas imbuídas de práticas de disciplinamento de uma população vista como ameaça à sociedade moderna que então se formava. A higiene, então, apareceu como necessidade inexorável no combate ao grande mal que afetava o processo civilizatório do país. A hereditariedade tornou-se paradigma recorrente nos projetos que visavam à organização do país, passando o aperfeiçoamento da nação a depender do aprimoramento racial. Fazia-se urgente a imposição de outros parâmetros morais, a “assimilação de um novo código de conduta” (Rocha, 2003, p. 32) para que a cidade se tornasse viável como alternativa de civilização.

No cenário permeado por tais concepções de ordem moral, o higienismo manteve intenso diálogo com as teses eugênicas, em particular na LBHM, cujos membros compartilhavam com os eugenistas a crença de que o meio social é responsável pela acentuação das boas ou más tendências individuais, do bom ou do mau fenótipo. Os eugenistas entendiam que a educação, mesmo incapaz de transformar características hereditárias, era responsável pelo aprimoramento do indivíduo como ser social e que os fatores sociais podem ser controlados para elevar ou rebaixar, física e mentalmente, as qualidades étnicas.

Os higienistas, ao contrário, acreditavam na necessidade de adotar meios para favorecer o desenvolvimento psíquico saudável dos indivíduos, adaptando esse desenvolvimento às exigências sociais. O fundamental era ajustar os socialmente desviados, extrapolando as simples medidas sanitárias e os cuidados elementares sobre a higiene do indivíduo, mesmo sendo tais cuidados imperativos em momentos de extrema precariedade infraestrutural, como o vivido pelo Brasil na época (Reis, 2003).

Para os membros da LBHM a grande chaga nacional era a existência de indivíduos degenerados, menos evoluídos, anormais ou inferiores. Ao identificar os problemas mentais como obstáculos ao progresso da nação, a Liga defendia um patriotismo que relutava em ver nas massas populares algo mais que uma multidão de pré-dispostos à

doença mental, potencialmente perigosa para a ordem e o progresso do país. Tais indivíduos comprometiam o destino da nação, sendo urgente seleccioná-los, de alguma maneira, para que não se misturassem com o restante da população. Esse ponto de vista sobre as finalidades práticas da Liga tornou-se predominante a partir de 1930, ocasião em que “aquilo que era defendido por alguns poucos e de forma meio tímida” começou a ser proclamado “aberta e despidoradamente” (Reis, 2003, p. 192).

Para solucionar o imenso problema que se apresentava, uma das propostas consistia em submeter o país a um processo sistemático de depuração social, do que resultaria a separação entre indivíduos superiores e inferiores, no tocante a habilidades mentais e aptidões. O primeiro critério de seleção eleito pela LBHM foi o intelecto, a ser examinado pelos instrumentos adequados de aferição: os testes psicológicos. Dentre os espaços privilegiados de intervenção estavam as escolas, espaços ideais para a difusão de hábitos de higiene mental, de modo a garantir o sucesso da profilaxia. Por intermédio de diversos procedimentos de triagem, contando sempre com a mensuração de caracteres individuais, as instituições de ensino realizariam com vantagem a tarefa de depurar socialmente os anormais ou menos desenvolvidos. A Liga transportou os critérios quantitativos da Física para os domínios da investigação da vida individual, fazendo do resultado dos testes o critério mais seguro para o pretendido ajustamento (Wanderbrook Jr.; Boarini, 2008).

Além dessa ligação com a Psicologia Experimental, o movimento higiênico desenvolveu fortes laços com a ciência psicanalítica. Em meados dos anos 1920 era comum os profissionais da medicina interessados em Psicologia e Psicanálise também se dedicarem a essa nova modalidade do conhecimento científico, a higiene mental. Apoiado por partidários das ideias psicanalíticas, o atendimento nessa área era estruturado em clínicas, com professores, assistentes sociais, professores visitantes, psicólogos e médicos, especialmente psiquiatras. Nessas instituições eram realizados exames e testes, psicológicos e pedagógicos, para detectar as aptidões e localizar eventuais desajustes emocionais (Mokrejs, 1993). Seu funcionamento visava a uma espécie de terapêutica cuja função primordial era prever casos de desajustes e traumas. O próprio termo ortofrenia, muito utilizado para designar tais práticas, expressa a conotação de “corrigir” ou “consertar o que estava torto” (Ramos, 1934, p. 20).

A Psicanálise na Escola Nova

A Psicanálise revelou, desde a sua origem, profundo interesse pela infância, pois Freud considerava que a causa dos problemas psicológicos dos adultos podia ser localizada nos primórdios da vida. Os seguidores da doutrina psicanalítica manifestaram idêntico interesse: Anna Freud e Melanie Klein, por exemplo, divulgaram a Psicanálise para pais e educadores e contribuíram para a adoção de modelos educacionais menos repressivos que evitassem o surgimento de patologias psicológicas. No Brasil, o ideário de cuidado com as crianças obteve ressonância também na área médica, mais precisamente na Psiquiatria e na Pediatria (Abrão, 2001).

Nos anos 1920 já se notava a inserção de temas educacionais nos trabalhos psicanalíticos, especialmente a partir da obra de Deodato de Moraes, *A psicanálise na educação*, publicada em 1927 (Russo, 2002). A principal via de divulgação da nova ciência e de suas preocupações com a infância foi a educação, campo que se mostrou

aberto à recepção de propostas que viabilizassem a melhoria das relações entre pais e professores, no intuito de auxiliar o bom desenvolvimento das crianças na escola.

Ao trabalho de Moraes seguiram-se outras obras, como as de Juliano Pires Porto-Carrero e Arthur Ramos, que continham menções à Psicanálise e enfatizavam, particularmente, as temáticas da sexualidade e da prevalência das experiências infantis na vida mental adulta. Assim, consolidou-se a ideia de que uma educação pautada por princípios psicanalíticos seria de grande valor para a formação de indivíduos saudáveis. No início de 1930, Durval Marcondes ministrou, na Sociedade de Educação, um curso sobre os efeitos benéficos da Psicanálise, fortalecendo a aceitação das teses freudianas no enfrentamento de problemas de escolaridade e na criação de condições favoráveis para a saúde mental da criança.

O avanço da Psicanálise, bem como o do higienismo, foi favorecido pelo movimento de renovação das concepções educacionais e dos métodos de ensino, conhecido como Escola Nova, particularmente por meio clínicas de orientação infantil, criadas para atender à crescente demanda por escolarização. Nessas instituições a Psicanálise oferecia subsídios teóricos e práticos para que os professores, em sintonia com as novas diretrizes pedagógicas, renovassem seus métodos de ensino em função das características psicológicas das crianças o que, por sua vez, vinha aprimorar os resultados da nova educação (Abrão, 2001).

Criadas, inicialmente, no âmbito da LBHM e depois ampliadas para diversos setores, as clínicas de higiene mental representaram uma resposta à necessidade de controle sobre o comportamento dos alunos, buscando moldá-los de acordo com hábitos socialmente aceitáveis. As ideias de Freud e de seus seguidores foram associadas à nova educação com o mesmo objetivo e ofereceram importantes subsídios à tarefa de compreender o desenvolvimento emocional das crianças para, assim, aplacar as dificuldades que embaraçavam a expressão das potencialidades individuais, em busca de promover o ajuste dos alunos ao espaço escolar.

O marco fundador do vínculo entre a Psicanálise e o escolanovismo foi a Seção de Ortofrenia e Higiene Mental - Sohm - instalada no Rio de Janeiro por Arthur Ramos em 1934. A Sohm foi criada em 1933, durante a gestão de Anísio Teixeira na direção da instrução pública do Distrito Federal. Quando assumiu o cargo de diretor, a convite de Teixeira, Ramos organizou o atendimento às crianças em idade escolar na Clínica de Orientação Infantil e criou clínicas de ortofrenia em seis escolas do Rio de Janeiro. Na escola General Trompowsky foi instalada uma clínica para pré-escolares (Abrão, 2001; Barros, 2003; Sircilli, 2008).

Ramos empregou os conhecimentos psicanalíticos na articulação de uma proposta de trabalho inovadora, permitindo que os ensinamentos de Freud abandonassem, gradativamente, dali por diante, o papel de coadjuvantes para conquistarem posição de destaque na educação. A Psicanálise foi presença constante nas reflexões e na atuação de Ramos desde o início de sua vida acadêmica, especialmente em sua tese de doutorado, apresentada em 1926, largamente sustentada na teoria psicanalítica. Sua preferência por essa temática resultou na tentativa de integrar o conhecimento psiquiátrico à Psicanálise, o que levou a efeito por intermédio da observação clínica de seus pacientes. Ramos acreditava que as concepções freudianas eram um bom instrumento para a humanização do tratamento psiquiátrico (Mokrejs, 1993).

Sua aproximação com a educação ocorreu por verificar que a Escola Nova valorizava o respeito à personalidade infantil e, também, por acreditar que os testes psicológicos reduziam a atuação do educador: “a extrema atividade testologizante” vinha atravancando “a pedagogia de nossos dias”, pensava Ramos (1950, p. 12). Por ver a criança como um ser incompleto, dependente e em formação, Ramos dedicou-se ao estudo, à publicação de trabalhos e à divulgação das ideias no campo da psicanálise infantil e militou no atendimento de crianças com dificuldades de aprendizagem ou problemas de comportamento, por ele denominadas crianças problemas (Oliveira, 2006).

Essa denominação foi adotada por Ramos para afastar o termo anormal, predominante na época, e para caracterizar os casos de desajustamento psicossocial que não se enquadravam no diagnóstico de distúrbio mental. A rejeição à ideia de criança anormal devia-se ao fato de Ramos considerar que esse conceito traduzia o ponto de vista do adulto, particularmente o sadismo inconsciente de pais e professores (Monarcha, 2009). Tratava-se, isto sim, de quadros decorrentes de precárias condições sociais e culturais que exerciam significativa influência sobre a personalidade das crianças.

Essa distinção inovadora entre crianças com déficit intelectual e crianças com problemas emocionais foi esboçada na obra *Educação e psicanálise* (Ramos, 1934), escrita pouco antes de Ramos aceitar o convite de Anísio Teixeira para dirigir a Sohm. Serviu, também, para demarcar o seu posicionamento perante os escolanovistas e outros grupos influentes que disputavam a hegemonia no movimento renovador (Sircilli, 2008). O novo conceito adquiriu contornos mais claros no livro *A criança problema* (Ramos, 1950), de 1939, elaborado com base no atendimento a crianças com dificuldades escolares na Seção de Ortofrenia e Higiene Mental. Para cuidar das crianças problemas, Arthur Ramos adotava as teses de Oskar Pfister, para quem os casos mais simples poderiam ser solucionados pelos próprios educadores, desde que informados pela Psicanálise, ficando os mais complexos a cargo do psicanalista, que buscaria produzir modificações mais substanciais na personalidade da criança (Abrão, 2008).

Por isso, Ramos propunha que os docentes conhecessem a Psicanálise para poderem lidar com o comportamento dos estudantes considerados rebeldes ou sem condições de aprendizagem. A ideia original da Sohm consistia em auxiliar os alunos das escolas públicas vistos pelos professores como incapazes de aprender, os submetendo a uma série de avaliações, médicas e psicológicas, de maneira a obter um diagnóstico mais preciso sobre seu comportamento, ou verificar eventual problema de natureza orgânica que estivesse prejudicando seu desenvolvimento intelectual. Ramos constatou que a maior parte das crianças não apresentava distúrbios físicos ou congênitos que indicassem a necessidade de afastamento da escola. Após o estudo de mais de dois mil casos ao longo de cinco anos, foi constatado que somente uma pequena parcela de alunos tinha grave disfunção orgânica e que os dois maiores empecilhos à aprendizagem eram as condições sociais de vida e o despreparo dos educadores.

As crianças que mais chamavam a atenção do grupo ligado a Arthur Ramos eram as mimadas e as escorraçadas, pois tanto a repressão excessiva quanto a liberdade desmedida ocasionavam prejuízos ao desenvolvimento e problemas escolares (Abrão, 2008). Para sanar tais problemas a prevenção mostrou-se o caminho mais adequado, pautando-se a LBHM na valorização da educação da criança, tanto no lar como na escola, incentivando a formação de uma personalidade livre de inibições e de distúrbios

neuróticos. Ao contrário das instituições asilares, a atuação das clínicas de orientação infantil buscava estabelecer vínculos estreitos entre os ambientes familiar, escolar e social (Januzzi, 2006). Sua proposta de trabalho envolvia ampla divulgação, entre pais e professores, dos princípios da higiene mental que deveriam ser aplicados à educação das crianças.

Nas clínicas eram feitos diversos registros sobre a criança, que envolviam os aspectos fisiológicos da personalidade, as atividades instintivas primordiais - como a fome, a sede, as funções de eliminação, o sono, o repouso, as atividades sexuais - e também as primeiras manifestações emocionais e afetivas, o desabrochar da inteligência, a história de vida e as condições familiares e escolares (Abrão, 2001). Feitas as devidas avaliações e separados os casos que mereciam tratamento especializado, cabia ao higienista mental orientar quanto à formação de hábitos normais, corrigindo os desajustamentos (Ramos, 1950). As clínicas priorizavam a atuação junto ao meio social, tanto a família quanto a escola, e indicavam, apenas secundariamente, intervenções diretas sobre as crianças (Barros, 2003).

Nas escolas aconselhava-se que, para desempenhar bem a tarefa de auxiliar as crianças com problemas de aprendizado, o professor deveria submeter-se à autoanálise, o que lhe permitiria reconhecer suas atitudes errôneas e identificar as manifestações transferenciais da criança. Assim, o mestre poderia atuar compreendendo psicanaliticamente as dificuldades manifestadas pelo aluno, podendo adotar condutas mais adequadas. Tais sugestões, porém, ficaram restritas a instruções teóricas e algumas orientações para casos específicos, realizadas pela equipe técnica do Sohm (Abrão, 2008). O tratamento individualizado de crianças por meio da técnica de análise infantil ocorreu poucas vezes (Abrão, 2001).

A orientação aos pais de crianças com problemas foi a atividade mais desenvolvida nas clínicas da Sohm, buscando a integração das famílias aos procedimentos adotados pelas escolas. Segundo Ramos (1950), a educação sexual era uma necessidade inadiável, mas sempre devendo ser examinada em relação aos pais, de forma individual e indireta, a partir de exemplos extraídos da Biologia e da Zoologia, sendo complementada por ações que concorressem para a sublimação dos impulsos sexuais. Essa preocupação ia ao encontro da opinião dos demais adeptos da Psicanálise, que reconheciam a importância de abordar o problema da sexualidade de forma objetiva, contando com o seu esclarecimento já na infância. Atuar de modo preventivo constituiu uma das bandeiras da Sohm, que tomou diversas iniciativas para educar a população por intermédio de ampla divulgação de informações relativas aos problemas infantis, por meio de livros, jornais e revistas que veiculavam os princípios da higiene mental (Abrão, 2001).

A Psicanálise em Anísio Teixeira

Entre o final dos anos 1920 e os primeiros anos da década de 1930, Anísio Teixeira manteve estreito contato com diversas correntes psicológicas, dentre as quais a Psicometria e a Psicanálise. Sua interlocução em essa última vertente aconteceu por intermédio dos conceitos da Higiene Mental e da obra de Arthur Ramos. Embora haja poucas menções diretas à teoria freudiana na obra de Anísio, é inequívoco o seu reconhecimento às contribuições de Freud à compreensão do universo mental infantil e à educação. No prefácio ao livro que Ramos publicou pouco antes de assumir a direção do

Sohm, Teixeira (1952, p. 2) escreveu que a Psicanálise “pode nos dar o mapa da alma humana em toda sua complexa e obscura vida de relações”.

Anísio Teixeira (1933b, p. 12, 24, 28) tinha conhecimento de que “as revelações surpreendentes da higiene mental e da psicanálise” atraíam “a atenção dos estudiosos para a criança, nos seus aspectos sociais e mentais”, mas reconhecia que a efetividade dos “estudos psicanalíticos sobre a formação mental da criança” dependia da “colaboração dos pais”. E era otimista quanto a isso e acreditava que “os hábitos das mães no tratamento das crianças” já se transformavam por influência, tanto da Pediatria, quanto da Psicanálise.

Teixeira (1997, p. 75) assumia as disposições gerais do ideário higienista, afirmando que “as clínicas de hábitos e os consultórios de direção infantil” vieram, “naturalmente, como uma consequência, senão como uma exigência” dos estudos relativos à educação infantil. Os pais e as mães deviam ser instruídos para “comparar, debater e conversar sobre os problemas de saúde, de hábitos, de brinquedo, de temperamento, de sexo, de higiene mental, de socialização e educação” das crianças. Era preciso promover uma “higiene mental da vida” em conformidade com a ciência, para “prevenir os males do desenvolvimento humano”; a medicina vai se transformando “em higiene, e também higiene mental, emocional e social” e, assim, se transformaria, igualmente, a educação (Teixeira, 1933b, p. 21-22).

Embora próximo do higienismo, Teixeira (1934) mantinha distância das teses eugênicas, o que se observa pela seguinte afirmação, a qual denota, também, certa familiaridade com os preceitos psicanalíticos: “Os traços da personalidade até aqui atribuídos à hereditariedade” devem agora “ser creditados às primitivas influências na criança” (p. 16). Assim, em vez de atribuir a fatores genéticos os problemas da educação, sua crença dirigia-se às possibilidades de remodelação do ambiente, uma vez que a melhor maneira de “apreender a formação do eu” é concebê-lo como “organização complexa e delicada de hábitos e conceitos” (Ibid., p. 15).

O objetivo de Anísio Teixeira sempre foi voltado à elaboração de propostas preventivas e corretivas a serem executadas no âmbito da escola e da família, seguindo os princípios norteadores do movimento escolanovista que se desenvolvia no Brasil desde os anos 1920. O Manifesto dos Pioneiros da Educação Nova, documento de 1932 que estabeleceu as bases do escolanovismo no país e que contou com a participação indireta de Anísio Teixeira em sua elaboração (Pagni, 2000), firmava claramente o valor do indivíduo, bem como indicava que a educação deveria conduzir todos os sujeitos ao pleno desenvolvimento de suas potencialidades. Anísio Teixeira (2005) sempre considerou que a renovação educacional deveria ser pautada no respeito às capacidades e aptidões dos estudantes, fatores determinantes da distribuição das pessoas no mundo das ocupações e profissões.

No livro de 1934, *Pequena introdução à filosofia da educação*, Teixeira (2000) defende que a reconstrução material, social e moral da escola devia ser feita por meio de fundamentos psicológicos que garantissem a compreensão da criança, a reconstrução dos programas escolares e a formação de professores. Para ele, um dos princípios fundantes da democracia é o respeito à personalidade, o que não implica apoio à tese da igualdade psicológica entre os indivíduos, mas, pelo contrário, o reconhecimento da heterogeneidade, devendo ser oferecidas oportunidades iguais de desenvolvimento e

participação social (Geribello, 1977). Todos deveriam ser habilitados à maior participação possível nos atos e instituições sociais, preservando, desse modo, a sua dignidade como seres humanos (Teixeira, 1996).

Foi o princípio da heterogeneidade psicológica o que conduziu Anísio Teixeira ao encontro da Higiene Mental e da Psicanálise, em defesa de ideias que enfatizavam o cuidado com o corpo e a mente, em prol do desenvolvimento saudável do indivíduo e da abertura de oportunidades para o desenvolvimento de todos os talentos, no intuito de favorecer a consolidação e a expansão do modo de vida democrático. Por isso, mais vantajoso do que apreender o aluno segundo parâmetros psicométricos é investigar a sua situação global. O mestre devia compreender o indivíduo em sua totalidade, “com todas as variáveis dele próprio e de sua história e de sua cultura e da história dessa cultura”, além da “situação concreta, com os seus contemporâneos e os seus pares, seus professor e sua família” (Teixeira, 2006, p. 83). Teixeira (1997) entendia que a educação sempre exige mudanças e que os resultados da mensuração podem confundir os que são impacientes, inocentes ou de má fé; não há “facilidade em experimentar com crianças, nem é possível conduzir os estudos infantis com rigores de laboratório” (p. 69).

Como a educação requer um sistema constante de ajustamento, articulações, novos pontos de vista e novas combinações, torna-se forçoso desfazer a ideia trazida pela Psicometria de que o aluno é “algo abstrato a ser manipulado por critérios de classificação em grupos supostamente homogêneos” (Teixeira, 2006, p. 76). É mais pertinente investigar a situação global do aluno, pois é isso o que permite tratamentos científicos mais adequados. O mestre deve compreender o indivíduo em sua totalidade, “com todas as variáveis dele próprio e de sua história e de sua cultura e da história dessa cultura”, além da “situação concreta, com os seus contemporâneos e os seus pares, seus professor e sua família” (Ibid., p. 83). Teixeira (1997) acreditava que a rigidez classificatória imposta pela ciência exclusivamente quantitativa resumia-se à distinção entre o normal e o anormal, entre o sadio e o doente; a existência de crianças anormais é real, porém as delimitações conceituais sobre esse fato são por demais imprecisas, devido à extensa variedade dos sujeitos nelas incluídos.

Antes de classificar é necessário elaborar estudos mais pormenorizados que garantam a compreensão dos hábitos e dos impulsos emocionais, para, quando necessário, promover a sua correção (Teixeira, 1997). É preciso enfrentar os males legados pela modernidade, para nos habilitarmos a viver em uma nova sociedade (Teixeira, 1933a). Nesse contexto, os conceitos psicanalíticos tornam-se úteis por oferecerem “o mapa da alma humana em toda sua complexa e obscura vida de relações” (p. 2) e permitirem o conhecimento das dificuldades e dos limites humanos, a verificação das imperfeições do homem, bem como a sua solução, desfazendo o determinismo das forças da hereditariedade em que anteriormente se acreditava (Teixeira, 1952).

Em clara articulação com as propostas da Psicanálise e da Higiene Mental, Anísio Teixeira direcionou as suas reflexões para a formação psíquica do indivíduo, a qual, segundo ele, não é assegurada pela classificação dos alunos no momento em que adentram à escola, pois a constituição intelectual saudável, a que permite o desenvolvimento amplo das potencialidades, ocorre pela atuação conjunta da família e da escola, em ambiente social profícuo para a estruturação mental do sujeito. Antes do amadurecimento da reflexão científica na educação, a criança era examinada somente

em seus aspectos físicos e não havia atenção especial para os hábitos mentais e os hábitos sociais. O cuidado com a saúde orgânica não é o bastante, e isto ficou fartamente demonstrado por meio da associação da higiene mental com os conhecimentos psicanalíticos, a qual, segundo Teixeira (1933b, p. 12), revelou “o mundo novo da criança” para médicos, psicólogos e educadores.

Anísio Teixeira (1997) explica que até os seis anos de idade, a criança vivencia um momento fundamental para o estabelecimento definitivo de seu caráter e para o seu ajustamento mental e social como adulto. Tal ajustamento representa “as condições mais delicadas de felicidade, de bem estar e de verdadeira saúde”; no entanto, o que se verifica na atualidade é “a mais angustiante e inexplicável precariedade de instituições e de recursos para prover assistência a esse período do desenvolvimento humano” (Ibid., p. 64).

Para enfrentar essa grave situação, Anísio propõe que, além da escola, também as famílias sejam preparadas para educar as crianças, em sintonia com os preceitos da higiene, para encaminhá-las na direção dos padrões corretos do desenvolvimento intelectual saudável. Esse preceito não expressa mero intuito de adequação do indivíduo aos ditames da ordem social, pois o que Teixeira busca é o equilíbrio entre as características psicológicas individuais, destacando as singularidades de cada pessoa, e as necessidades da educação para a vida em sociedade (Cunha, 2002). A identificação das aptidões individuais leva ao aperfeiçoamento das potencialidades, favorece o crescimento de cada um e, finalmente, potencializa a reorganização da sociedade (Nunes, 2000). Estudar as crianças para classificá-las segundo as suas aptidões e seu intelecto e, além disso, tratar as que apresentam problemas de aprendizagem ou distúrbios mentais mais complexos era, para Anísio Teixeira (1933a), compreender a educação não como simples fenômeno escolar, mas como fenômeno social.

Para Anísio, adaptação significa levar o indivíduo ao comportamento inteligente, à conduta ajustada às condições ambientais, o que se assegura pela percepção, tanto na escola, quanto na família dos sinais que favorecem o desenvolvimento mental saudável. Teixeira (2005) diz que é o ajustamento o que “produz o saber por familiaridade - knowledge by acquaintance - de que decorrem a maioria de nossos hábitos e o nosso saber prático, derivado dos dados da experiência, aceitos em sua significação espontânea e direta” (p. 345). Reconhecer o valor do meio social na formação das crianças significa colocar em primeiro plano a preparação de todos os ambientes em que os indivíduos se formam. Família e escola devem ser cientificamente articuladas para garantir a formação saudável das crianças brasileiras (Teixeira, 1997).

Anísio Teixeira se refere ao comportamento como construção elaborada no plano social, como conjunto de movimentos que levam o organismo individual a restaurar o equilíbrio rompido por alguma mudança externa. O comportamento humano, portanto, não é algo mecânico por natureza. Um novo hábito, ou comportamento, é elaborado a partir da ação recíproca “entre o organismo e o seu meio social natural” (Teixeira, 1934, p. 2). É o meio social o que estimula o indivíduo e o leva à construção de novos e melhores hábitos; desse modo, o “tipo de caráter” é “indicado pela natureza do agente de perturbação, pelo modo por que cada indivíduo é perturbado e pela maneira por que reage” (Ibid., p. 12).

O meio em que o homem se insere, por sua vez, é responsável pela organização complexa e delicada dos hábitos e condutas individuais, o que implica o reconhecimento da natureza social da construção do indivíduo, sendo evidente “a parte representada pelos outros na gênese de qualquer eu”. São as “primitivas influências na criança cheia de personalidade”, como já vimos Anísio afirmar, e não a hereditariedade o que responde pela formação do caráter. O ambiente é decisivo na constituição da individualidade, sendo determinante para toda a vida o modo como os pais tratam as crianças, moldando “para o bem, ou para o mal, suas atitudes” (Teixeira, 1934, p. 16).

A escola deve coordenar, consolidar e integrar as experiências anteriores das crianças, por intermédio da criação de um espaço harmonioso, diferente do ambiente do adulto. Os programas escolares devem se aproximar do universo infantil, pois a criança é um ser imaturo que necessita ser amadurecido e essa meta só pode ser atingida mediante pleno domínio do aspecto psicológico inerente ao universo infantil (Teixeira, 1933b). A artificialidade da “velha educação” (p. 2), ao promover comparações entre a imaturidade da criança e a experiência do adulto, impedia a realização desses objetivos educacionais, bem como o correto direcionamento da criança. A educação pode refinar ou modificar comportamentos, desde que pautada na experiência do aluno, caso contrário, o ensino torna-se “profundamente prejudicial” ao “desenvolvimento emocional, intelectual e moral” (Teixeira, 2006, p. 264). A criança não é “o ser mítico dos direitos naturais, saído puro das mãos de Deus e corrompido pela sociedade, mas o animal altamente evoluído, irrecorrivelmente candidato a homem graças justamente à sua educabilidade” (Ibid., p. 210).

Os conceitos centrais da Psicanálise integraram as concepções de Anísio Teixeira porque, para ele, educar consistia em um processo que não se reduz aos aspectos formais; envolve o cultivo e o amadurecimento individual (Teixeira, 1959). As novas escolas deveriam superar os espaços tradicionais de aprendizagem, contendo jardins e áreas livres, de maneira a restituir os espaços de sociabilidade “crescentemente sonegados pelas reformas urbanas”, que empurram a população mais pobre para “áreas mais distantes da periferia” (Nunes, 2000, p. 372). Para Anísio, a escola devia ser vista como um organismo flexível, pois quem educa é a vida familiar e social, cabendo aos professores transmitirem certos conhecimentos e artes em complemento à educação doméstica.

Do mesmo modo como Arthur Ramos, Teixeira não desqualificava a família, mas enfatizava a sua importância no processo de formação saudável dos indivíduos. A família pode dar a sua contribuição para o diagnóstico dos desvios de ajustamento, sem esperar que a criança entre na escola para que se faça a sua classificação em normal ou anormal, bem como para que lhe seja dado um direcionamento. A participação dos pais na formação de pessoas intelectualmente saudáveis é fundamental, uma vez que “segundo o que se sabe hoje de psicologia” (Teixeira, 1955, p. 1), as crianças chegam à instituição de ensino com as suas estruturas de personalidade já fixadas. O convívio no meio familiar e as experiências ali proporcionadas formam ou deformam, dando a cada indivíduo as suas características, “o seu estilo para agir e reagir, em face dos medos e das alegrias de viver” (Ibid., p. 1).

A educação familiar possui os instrumentos da afeição apaixonada, da paciência, da impaciência, da repressão, do prêmio, do denego, da cólera e da negação, os instrumentos

da emoção que contribuem para a constituição da personalidade. O professor encontra a criança formada de diferentes maneiras, dependendo do ambiente doméstico, e deve estar preparado para se deparar com a irregularidade, devendo oferecer a todos as melhores “condições de crescimento e higiene” (Teixeira, 1933b, p. 22). As famílias devem propiciar cuidados higiênicos, de inteligência e temperamento, fazendo da paternidade e da maternidade uma verdadeira vocação (Ibid., p. 17). Os seres humanos “não vivem somente em um meio físico, mas em uma ‘cultura’, que impregna e transforma seus próprios comportamentos biológicos”; os ambientes orgânico e físico são ambientes “sociais” (Teixeira, 2005, p. 382).

Caracterizando os estágios iniciais da infância como os mais férteis do processo de desenvolvimento humano, rico tanto em problemas quanto em dificuldades, Anísio Teixeira (1933b) entendia que esse período necessitava de um olhar cuidadoso, especialmente dos pais e demais familiares. Todos precisam de preparação para educar os hábitos, para direcionar temperamento e impulsos, bem como para corrigir disposições, atitudes e maus hábitos. Portanto, o problema da assistência à infância é também o problema da assistência aos pais, pois a formação do pai e da mãe possibilita a pesquisa e a investigação do desenvolvimento da criança. É preciso prevenir os males advindos do desenvolvimento irregular utilizando, para isso, a higiene do corpo e do espírito que proporciona a normalidade. Essa prevenção ocorre, em primeira instância, no lar, a instituição que mais profundamente sofre os efeitos da reestruturação social e precisa ser preparada para atender as exigências dessa mudança.

Para realizar o proposto por Anísio Teixeira (1933b, p. 19), os pais deveriam receber meticulosa preparação para observar o desenvolvimento físico, mental e social das crianças, podendo tornar-se “educadores esclarecidos, inteligentes e objetivos”. Essa preparação seria feita por intermédio de “círculos de mães” dedicadas ao estudo de suas próprias crianças. Contribuiriam, igualmente, as clínicas de hábitos, os consultórios de direção da infância que “já existem em alguns países” e começavam a existir também no Brasil por intermédio das “sociedades de higiene mental”, sugerindo que o problema do acompanhamento da infância já era sentido e que a busca por soluções já se encontra em andamento. Os pais deveriam ser estimulados a estudar e refletir sobre a tarefa de criar filhos sadios, de fazê-los nascer e crescer normal e ajustadamente.

Considerações finais

Vimos neste trabalho que, para Anísio Teixeira, a criança devia ser estudada não apenas em seus aspectos físicos, mas também no que concerne à sua história, à sua relação com o meio e às suas origens. Os educadores deveriam compreender que o objetivo primordial da educação é o indivíduo, não o indivíduo isolado, mas o ser individual que resulta de “outros indivíduos anteriores” e que se desenvolve na relação com o ambiente, pois indivíduo e meio “agem e reagem, reciprocamente, alterando-se a cada instante” (Teixeira, 1934, p. 3). O trabalho dos educadores devia ser amparado por diversas abordagens científicas, colocando sempre o bem-estar social e a saúde mental como prioridades da escola, para formar a criança, que é o futuro homem (Teixeira, 1933b). É nesse amplo conjunto de saberes que Anísio situava a Psicanálise e a Higiene Mental.

As matérias examinadas neste trabalho expressam a opinião de Teixeira antes de seu afastamento da vida pública, ocorrido por razões políticas em meados dos anos 1930. Naquela época, Anísio dialogava com vertentes da Psicologia que colocavam o indivíduo em primeiro plano, como sujeito único cujas especificidades e necessidades deviam ser investigadas e tratadas. Nos anos pós-guerra, quando a redemocratização do país permitiu seu retorno às atividades administrativas, Teixeira retomou sua posição de liderança no movimento de renovação educacional, assumiu a direção de importantes órgãos governamentais, como a Capes, o Inep e o Centro Brasileiro de Pesquisas Educacionais (Xavier, 1999; Nunes, 2000).

As suas reflexões e as suas práticas no campo educacional continuaram a levar em conta as contribuições da Psicologia, mas a sua interação mais próxima deu-se com teorias que posicionavam os fatores individuais no interior do contexto antropológico e sociológico mais amplo. Esse é um tópico da trajetória de Anísio Teixeira a ser abordado em outro estudo, oportunamente. Por ora, é possível destacar que em todos os momentos de sua vida o que buscou foi um só objetivo: interagir com as variadas ciências capazes de explicar o homem e contribuir para solucionar os problemas da educação brasileira.

Referências

- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. *A história da psicanálise de crianças no Brasil*. São Paulo: Escuta, 2001.
- ABRÃO, Jorge Luís Ferreira. A introdução das ideias relativas à psicanálise de crianças no Brasil através da obra de Arthur Ramos. *Memorandum*, n. 14, Belo Horizonte, 2008, p. 37-51.
- ALEXANDER, Franz G; SELESNICK, Sheldon T. *História da psiquiatria*. São Paulo: Ibrasa, 1980.
- BARROS, Luitgarde Oliveira Cavalcanti. Um projeto de modernização do Rio de Janeiro: a contribuição de Arthur Ramos (1933- 1949). In: WEYRAUCH, Clea Schiavo et al (orgs.). *Forasteiros construtores da modernidade*. Rio de Janeiro: Terceiro Tempo, 2003, p. 20-54.
- BRESCIANNI, Maria Stella M. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar. (org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. São Paulo: Contexto, 2010, p. 237-258.
- CUNHA, Marcus Vinicius. *O discurso educacional renovador no Brasil (1930-1960): um estudo sobre as relações entre escola e família*. Araraquara: Unesp, 1988. 245f. Tese (livre docência). Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista.
- CUNHA, Marcus Vinicius. A dupla natureza da escola nova: psicologia e ciências sociais. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo, n. 88, 1994, p. 64-71.
- CUNHA, Marcus Vinicius. *A educação dos educadores: da escola nova à escola de hoje*. Campinas: Mercado de Letras, 1995.
- CUNHA, Marcus Vinicius. John Dewey, a outra face da escola nova no Brasil. In: GHIRALDELLI Jr, Paulo. (org.). *O que é filosofia da educação?* Rio de Janeiro: DP&A, 2002, p. 248-263.
- CUNHA, Maria Clementina Pereira. *O espelho do mundo: Juquery, a história de um asilo*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1986.

- DECCA, Maria Auxiliadora Guzzo. *A vida fora das fábricas: cotidiano operário em São Paulo (1920-1934)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- FIGUEIREDO, Luís Claudio. *Revisitando as psicologias*. Petrópolis: Vozes, 1996.
- FREUD, Sigmund. *O mal-estar da civilização*. Rio de Janeiro: Imago, 1930.
- FREUD, Sigmund. *Reflexões para os tempos de guerra e morte*. Rio de Janeiro: Imago, 1974.
- GAY, Peter. *Freud: uma vida para nosso tempo*. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.
- GERIBELLO, Wanda Pompeu. *Anísio Teixeira: análise e sistematização de sua obra*. São Paulo: Atlas, 1977.
- JANUZZI, Gilberta de Martino. *A educação do deficiente no Brasil: dos primórdios ao início do século XXI*. Campinas: Autores Associados, 2006.
- MEZAN, Renato. *Sigmund Freud*. São Paulo: Brasiliense, 1982.
- MOKREJS, Elisabete. *A psicanálise no Brasil: as origens do pensamento psicanalítico*. Petrópolis: Vozes, 1993.
- MONARCHA, Carlos. *Brasil arcaico, escola nova: ciência e utopia nos anos 1920-1930*. São Paulo: Unesp, 2009.
- NUNES, Clarice. *Anísio Teixeira: a poesia da ação*. São Paulo: Edusf, 2000.
- OLIVEIRA, Carmen Lucia Montechi Valladares. *História da psicanálise: São Paulo (1920-1969)*. São Paulo: Escuta, 2006.
- PAGNI, Pedro Angelo. *Do manifesto de 1932 à construção de um saber pedagógico: ensaiando um diálogo entre Fernando de Azevedo e Anísio Teixeira*. Ijuí: Unijuí, 2000.
- PERESTRELO, Marialzira. Primeiros encontros com a psicanálise: os precursores no Brasil (1899-1937). In: FIGUEIRA, Servulo Augusto (org.). *Efeito psi: a influência da psicanálise*. Rio de Janeiro: Campus, 1988, p.11-52.
- RAMOS, Arthur. *Educação e psicanálise*. São Paulo: Nacional, 1934.
- RAMOS, Arthur. *A criança problema*. São Paulo: Casa do Estudante do Brasil, 1950.
- REIS, José Roberto Franco. Degenerando em barbárie: a hora e a vez do eugenismo radical. In: Boarini, Maria Lúcia (org.). *Higiene e raça como projetos: higienismo e eugenismo no Brasil*. Maringá: Eduem, 2003, p. 185-216.
- ROCHA, Heloísa Helena Pimenta. *A higienização dos costumes: educação escolar e saúde no projeto do Instituto de Hygiene de São Paulo (1918-1925)*. Campinas: Mercado das Letras, 2003.
- RUSSO, Jane. *O mundo psi no Brasil*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2002.
- SIRCILLI, Fabíola. *Arthur Ramos, psicanálise e educação*. Marília: Poësis, 2008.
- TEIXEIRA, Anísio. A direção da sociedade pela educação. Texto em que o autor analisa a evolução do homem e do pensamento humano e mostra que no estágio atual de desenvolvimento, a direção da sociedade deve ser dada pela educação. AT pi (TEIXEIRA, A.) 1931/1936.00.00/3, CPDOC/FGV, 1933a. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_prodInte&pasta=AT%20pi%20Teixeira,%20A.%201931/1936.00.00/3>. Acesso em: 30 jan., 2011.
- TEIXEIRA, Anísio. O problema da assistência à infância e à criança pré-escolar. Texto publicado no Boletim de Educação Pública. Jul.-Dez. Rio de Janeiro, 1933b. Disponível

em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>>. Acesso em: 20 ago., 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Eu, comportamento e suas relações. In: Trabalhos, discursos, artigos, conferências. 1934. Disponível em: <http://docvirt.com/docreader.net/docreader.aspx?bib=AT_prodlnte&pasta=AT%20pi-rs%20Teixeira,%20A.%201933.01/06.00>. Acesso em: 20 ago., 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Prefácio à 2ª edição do livro de Artur Ramos Introdução à Psicologia Social, tecendo comentários sobre a obra e seu autor. AT pi (TEIXEIRA, A.) 1952, CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>> Acesso em: 20 ago., 2011.

TEIXEIRA, Anísio. Texto, para transmissão no rádio, a pedido da ABE, Associação Brasileira de Educação, sobre a entrada da criança na escola, suas experiências anteriores e o contato com o professor primário. Rio de Janeiro. AT pi (TEIXEIRA, A.) 1955, CPDOC/FGV. Disponível em: <<http://www.fgv.br/CPDOC/BUSCA/Busca/BuscaConsultar.aspx>> Acesso em: 30 jan., 2011.

TEIXEIRA, Anísio. A pedagogia de Dewey. In: DEWEY, John. *Vida e educação*. São Paulo: Nacional, 1959, p. 1-23.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação é um direito*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1996.

TEIXEIRA, Anísio. *Educação para a democracia*: introdução à administração educacional. Rio de Janeiro: UFRJ, 1997.

TEIXEIRA, Anísio. *Pequena introdução à filosofia da educação*: a escola progressiva ou a transformação da escola. Rio de Janeiro: DP&A, 2000.

TEIXEIRA, Anísio. *A Educação e a crise brasileira*. Rio de Janeiro: UFRJ, 2005.

TEIXEIRA, Anísio. *Aspectos americanos da educação*: anotações de viagem aos Estados Unidos em 1927. Rio de Janeiro: UFRJ, 2006.

WANDERBROOCK Jr., Durval; BOARINI, Maria Lúcia. A seleção dos imigrantes e a Liga Brasileira de Hygiene Mental (1914-1945). *Interamerican Journal of Psychology*, v. 42, n. 3, 2008, p. 520-527.

XAVIER, Libânia Nacif. *O Brasil como laboratório*: educação e ciências sociais no projeto dos centros brasileiros de pesquisas educacionais (1950-1960). Bragança Paulista: Universidade São Francisco, 1999.

KAREN FERNANDA DA SILVA BORTOLOTI é professora no Centro Universitário Uniseb, doutora em Educação Escolar pela Unesp/Araraquara. Investiga a Escola Nova no Brasil e a atuação de Anísio Teixeira.

Endereço: Rua Marisa, 386/4 - 14091-150 - Ribeirão Preto - SP - Brasil.

E-mail: bortoloti@hotmail.com.

MARCUS VINICIUS DA CUNHA é professor na Universidade de São Paulo, campus de Ribeirão Preto, doutor em Educação pela Universidade de São Paulo e pesquisador do CNPq.

Endereço: Rua Breno Vieira de Souza, 377 - 14090-620 - Ribeirão Preto - SP - Brasil.

E-mail: mvcunha@yahoo.com.

Recebido em 28 de setembro de 2012.

Aceito em 3 maio de 2013.